

A notícia da morte de Claude Zilberberg sobreveio à progressão de nossos dias. Sem se anunciar e principalmente sem prevenir, a morte chegou a nosso querido semioticista. No espaço que segue, ao fazer um sobrevoo pela teoria tensiva, que ele fez avançar, procuro reencontrá-lo como sujeito de seu próprio estilo. Enquanto isso, procuro interrogar o lugar do leitor no interior de suas obras. Ao fim — e desde o começo, embora — procuro, quem sabe, fazer uma homenagem, inacabada certamente, para aquele que sempre merecerá *o mais do mais*.

1. Estesia e estilo : entre medidas e divisibilidade

Se na sua origem grega o termo “esteta” significa “aquele que sente”, Claude Zilberberg é duplamente um esteta. Primeiro, porque ele próprio se mostra na vivência de uma “imensidão íntima” de seu pensamento teórico — imensidão, que é “uma intensidade do ser”, como ele sugere ao referir-se a estudo contido em obra de Bachelard¹. Depois, porque, ao formalizar princípios que cuidam da regência do inteligível pelo sensível, ele desenvolve tópicos relativos a uma estética de viés imanentista, não descolada das questões relativas à constituição do sujeito sensível. Se, de um lado, os fundamentos de uma “linguística estrutural”, tal qual apresentada por Hjelmslev, socorrem Zilberberg no rigor das minúcias que arquitetam a “gramática tensiva”, se ele aponta para as bases do pensamento de Greimas, bem como para o trabalho desenvolvido em coautoria com Fontanille, de outro lado, textos de poetas como Baudelaire e de filósofos como Valéry estabelecem fontes que alimentam a progressão da teoria, na medida em que viabilizam resoluções para as “hipóteses tensivas”.

Um dos saltos dos estudos da tensividade é a mobilização de instrumentos para que se perscrute o sujeito como actante vindo das profundidades figurais, em que se levam em conta os afetos mensuráveis em aumento e em diminuição e cotejados com a temporalidade e a espacialidade do “estado das coisas”. Se a tradição semiótica, com Greimas, faz vir à tona, ao lado do “sujeito do fazer”, o sujeito “paciente”, “que recebe, passivo, todos os estímulos do mundo, inscritos nos objetos que o cercam”² — o sujeito de estado, que tem sua existência modal determinada pela relevância do objeto —

1 Zilberberg, inquieto com as duas direções tensivas, *aumento* e *diminuição*, que operam no espaço tensivo (o espaço do qual desponta o sujeito sensível), cita passagem de *A Poética do Espaço*, de Bachelard (1988), para comentar que ambos os procedimentos citados pelo filósofo (a imensidão íntima e a intensidade do ser) são aumentativos. Lembrando a hipérbole, pensada na perspectiva tensiva, apresenta-a ligada à concessão, por sua vez aliada do imprevisto. Acrescenta que “somente a via concessiva merece o título de hipérbole”. Cf. Cl. Zilberberg, *Elementos de semiótica tensiva*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2006, p. 202.

2 A.J. Greimas, *Sobre o sentido II : ensaios semióticos*, São Paulo, Nankin-Eduspp, 2014, p. 107.

Zilberberg traz à luz o sujeito à mercê do que sobrevém como acontecimento extraordinário (*l'événement*). Assim se mobilizam, com força ou tonicidade extrema, os “estados de alma”, não desvinculados do “estado das coisas”. Mas, com atenção à *tensividade* — definida como “o lugar, ou a frente, em que se unem e se encontram a intensidade, como soma dos estados de alma e a extensividade, como soma dos estados das coisas”³ — e com atenção ao princípio de gradação, que torna mensurável o impacto do sensível sobre o inteligível, Zilberberg prevê uma “eventualidade forte” e uma “eventualidade tênue”⁴. Por meio de tais postulados iluminam-se as fronteiras entre a semiótica e a estética.

O sensível alarga-se como estesia constituinte de todo enunciado e é apresentado como função de uma foria não restrita à timia fundamental. Para além da categoria semântica, considerada na estrutura elementar da significação como bipartida em euforia e disforia, é apresentada uma foria que “tem o mérito de dinamizar o quadrado semiótico”⁵; uma foria que, mediante fluxos e refluxos, faz virem à luz as “oscilações tensivas”, apresentadas na ordem do contínuo; uma foria, cujos componentes se organizam “mais como vetores do que como traços”, mais como gerúndios que como participípios⁶. Entre esses vetores destaca-se o *elã*, concebido como o próprio movimento⁷.

A noção de um fluxo fórico contínuo apresenta raízes no conceito de *transfusão de valores*. Além do valor, entendido como puramente diferencial por Saussure⁸, e visto como determinado, no jogo de xadrez, pela relação estabelecida entre as funções desempenhadas pelas peças, vem à tona, com Zilberberg, mais do que a oposição entre as peças, a interdependência entre elas. O semioticista alerta para o fato de que “à medida que as peças vão desaparecendo, as (...) restantes absorvem seu valor de tal maneira que mesmo um peão, cujo valor inicial é *mínimo*, simples máscara, *cresce* em valor, caso subsista”⁹.

Assim pensado, o caso do peão do jogo de xadrez joga luzes sobre as condições de emergência do fato poético, criadas de modo compatível com a intensificação da estesia. A estesia, como componente sensível da construção do sentido, passa a apresentar-se como suscetível de quantificações, isto é, passa a ser mensurável em sílabas tensivas. O *mais do mais*, por exemplo, refere-se ao *ultrapassamento*, ou ao *recrudescimento recursivo* da *energeia*, da *tonicidade* ou do “*acento do sentido*”; o *menos do mais* ancora a *atenuação* de impacto, a *decadência* da tonicidade imprimida na semiose. Tais oscilações, ancoradas num “nível tensivo”, amparam a identificação de diferentes estéticas.

Em relação à construção do sentido, o pressuposto (nível tensivo), levado em conta como o que tem força propulsora sobre o pressuponente, engendra a foria, como um fluxo orientado e acidentado

3 Diz Zilberberg : “La tensivité est le lieu, ou le front, où se joignent, se rejoignent l'intensité au titre de somme des états d'âme et l'extensivité au titre de somme des états de choses”. Cl. Zilberberg, *La structure tensive*, Liège, Presses Universitaires de Liège, 2012, p. 17.

4 Cf. *Elementos de Semiótica Tensiva*, op. cit., p. 51.

5 Cf. *La structure tensive*, op. cit., p. 152.

6 Cf. *Elementos de Semiótica Tensiva*, op. cit., p. 261.

7 *Ibid.*, p. 261, *La structure Tensive*, op. cit., pp. 152-153.

8 Cf. F. Saussure, *Curso de Linguística Geral*, 1970, p. 136.

9 Cf. Cl. Zilberberg, *Razão e poética do sentido*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 36.

que alterna seus “afluxos” com momentos de “refluxo”¹⁰. Desse modo o sensível, considerado como elemento estético em gradação de tonicidade ou *energeia*, permite pensarmos que tudo tem estilo. Zilberberg oferece condições para que se descreva o estilo nascente de gêneros midiáticos, de gêneros do campo das artes, entre outros campos, bem como para que se descrevam estilos “de época” e aqueles autorais.

Uma estilística que cuida do sujeito como estrutura, actancial e actorial, mas como uma *estrutura aberta* ao “acontecimento” — traz à luz “o ator da enunciação”¹¹, examinado junto à “coalescência do sensível e do inteligível”¹² : o sensível, que, aumentado em força de impacto, virtualiza os contornos das coisas ; o inteligível, que, prevalente, devolve às coisas sua divisibilidade. O conceito semiótico de estilo deixa de ser cotejado com “o anormal”¹³ — e deixa de remeter a um desvio, pensado em relação à linguagem ordinária. Além disso, passa a agregar a noção de uma “intensidade vivida” e “mensurada” — a qual Zilberberg respalda nestas formulações de Valéry : “A alma é o acontecimento de um *Demais* ou de um *pouco demais*. Existe pelo excesso ou pela falta. ‘Normalmente’ não existe”¹⁴.

2. Zilberberg e seu leitor : um “estilo concessivo”

Na semiótica tensiva, o sujeito sensível — apresentado como aquele que se põe à mercê daquilo que *chega de modo brusco* (o que evoca, em francês, o verbo *survenir*) — carrega consigo a tensão entre a surpresa (e a veemência afetiva que ela acarreta) e a rotina. Ao *sobrevir* (substantivação, em português, do verbo *survenir*) se associa o *pervir* (nominalização do verbo *parvenir*)¹⁵. Ambos os termos, o *sobrevir* e o *pervir*, definidos em reciprocidade, apresentam-se, conforme Zilberberg, como “duas maneiras pelas quais uma grandeza ingressa no campo de presença e ali se estabelece”¹⁶. Em relação à temporalidade, vista como duração, logo aspectualmente compreendida, o *sobrevir* está para a instantaneidade e a indivisibilidade ; o *pervir*, para a duratividade e a progressividade¹⁷. Em relação ao andamento — ou o “tempo” (mediante uso do termo italiano) — o *sobrevir* está para a celeridade ; o *pervir*, para a lentidão¹⁸. No intervalo entre o *sobrevir* e o *pervir* é posto em desenvolvimento, a partir dos enunciados zilberberguianos, o corpo do leitor : o enunciatário-destinatário, filtro e coprodutor do sentido.

10 Cf. L. Tatit, “Claude Zilberberg e a prosodição da semiótica”, in C.M. Mendes e G.M.P. Lara, *Em torno do acontecimento : uma homenagem a Claude Zilberberg*, Curitiba, Appris, 2016, p. 21.

11 Cf. A.J. Greimas e J. Courtés, *Dicionário de Semiótica*, São Paulo, Contexto, 2008, verbete “Ator”, p. 45.

12 Cf. *La structure tensiva*, *op. cit.*, p. 21.

13 A expressão “anormal” está empregada em acepção equivalente àquela que aparece em estudo feito por Greimas, quando o semioticista critica o privilégio concedido ao que é “individual”, ao que é “anormal”, no âmbito de determinada história literária. Cf. A.J. Greimas, “L’actualité du saussurisme”, in *id.*, *La mode en 1830*, Paris, Presses Universitaires de France, 2000, pp. 377-378.

14 “L’âme est l’événement d’un Trop ou d’un trop peu. Elle est par excès ou par défaut. ‘Normalement’ n’existe pas”. Cf. *La structure tensiva*, *op. cit.*, p. 19.

15 Os tradutores, tendo identificado a presença de “pervir” no português do século XIV, explicitam o emprego desse termo na tradução de “parvenir”. Cf. *Elementos de Semiótica Tensiva*, *op. cit.*, p. 271.

16 *Ibid.*, p. 277.

17 *Ibid.*, p. 271.

18 A.J. Greimas e J. Fontanille, ao discutir a relação entre tempo e aspecto, ressaltam a importância do “tempo íntimo dos sujeitos da experiência e da percepção, denominado ‘andamento’ por Cl. Zilberberg”; (“le temps intime des sujets de l’expérience et de la perception, appelé ‘tempo’ par C. Zilberberg”) ; cf. *id.*, “Avant-Propos”, in J. Fontanille (éd.), *Le discours aspectualisé*, Actes du colloque “Linguistique et Sémiotique”, 1991, p. 15.

Cravado entre a extensidade, alinhada à rotina e ao *pervir*, e a intensidade, alinhada ao “acontecimento” e ao *sobrevir*, o leitor oscila entre a instantaneidade das próprias perguntas, que irrompem da apresentação progressiva da teoria, e a desaceleração das ideias, recuperada na sequência de uma, de outra, e de mais outra “liquidação da falta”. Aqui, na desaceleração, se compõem as respostas vislumbradas. Zilberberg cria um ritmo tensivo na práxis que compõe a leitura de seus textos.

Na ânsia incitada pelas interrogações recursivamente emergentes dos textos em estudo, o enunciatário, como produto das estratégias do enunciador, é lançado para uma área de tonicidade aumentada, vinda do próprio pensamento científico. A instalação em tal zona, pertencente ao “espaço tensivo”, se, de um lado, faz o sujeito escapar à cercadura da implicação e acolher o imprevisto no trato com a epistemologia — de outro, não deixa de oferecer meios para que esse mesmo sujeito seja devolvido à busca pela lentidão, imprescindível para que se recuperem as demarcações dos conceitos.

Ao sabor das interrogações — favorecidas, por exemplo, pela abrupta aparição de versos de Baudelaire, que antecipam preceitos teóricos ou sucedem a eles — o enunciatário incorpora o andamento rápido da teoria. Nessa disposição, virtualiza as segmentações do conhecimento e as classificações feitas “às claras”. Entretanto, pouco a pouco, e sem nunca ter deixado de fazê-lo, o leitor passa a contemplar a previsibilidade oferecida pela hierarquização conceitual. Ao longo do ato de leitura, fazendo par com o *sobrevir*, que abrevia a temporalidade da apreensão, volta a ser prevalente o *pervir*, com o vagar previsto. Para estes últimos momentos, sentidos como de “repouso”, são relevantes, em especial, os diagramas da tensividade. Frequentes, os gráficos e os esquemas favorecem o alongamento da temporalidade de leitura, enquanto se difundem, entre uma e outra síntese gráfica, as respostas. No vai-e-vem próprio ao ritmo, o enunciatário se encontra devolvido à progressão lenta das formulações teóricas.

Mas permanece, entre uma passagem e outra dos textos, a tensão entre “energia e extensão”¹⁹; ou entre “jogo” e “trabalho”²⁰. Na esfera de leitura regulada pelo *jogo*, é exercido o *charme* (ou o *encanto*) como atração; e a *incerteza*, como componente da fidúcia. Na esfera do fazer interpretativo controlado pelo *trabalho*, é prevalente a *certeza* como fidúcia. Resta aqui, como atração, a própria *sabedoria*. “É evidente que o antagonismo vivenciado entre o trabalho e o jogo procede da gramática tensiva”²¹ – diz Zilberberg, que acrescenta ser o *jogo forte*, sob o ângulo da intensidade, e *intermitente, concentrado* em algumas partes, sob o ângulo da extensidade. Para o leitor, a tonicidade forte do jogo concentra-se nas questões não aplacadas.

Em tom de não rara ironia, Zilberberg pergunta: “O que, afinal, deve ser comunicado ao enunciatário senão aquilo que sobrevém e ele ignora?”²² O “encanto”, que nunca esteve excluído como previsão de leitura, é restabelecido ao longo dos textos sob exame, e é até recrudescido ao longo das obras desse teórico, que não se omitiu em enfatizar este verso de Baudelaire: “A vida tem apenas um

19 Cf. *Elementos de Semiótica Tensiva*, op. cit., verbete “Extensivo”, p. 259.

20 *Ibid.*, verbete “Pervir”, p. 272.

21 “Il est manifeste que l’antagonisme vécu du travail et du jeu est du ressort de la grammaire tensiva”. Cf. *La structure tensiva*, op.cit., p. 27.

22 *Elementos de Semiótica Tensiva*, op.cit., verbete “Acontecimento”, p. 236.

‘encanto’ verdadeiro ; é o ‘encanto’ do Jogo”²³. Alinhado ao jogo, está o “acontecimento”, “correlato objetual do *sobrevir*”²⁴.

Eis o leitor instituído pelo que é dito e pelo modo zilberberguiano de dizer : um sujeito que, da pauta da programação e do *trabalho* cotidiano, inclina-se a saltar para o imprevisto, junto ao qual acontece a experiência do pensamento. É a própria natureza do texto zilberberguiano que compõe a posição de leitura afeita ao “jogo”. O “espaço tensivo”, postulado pelo semiótico no interior de seus escritos, sustenta o pensamento teórico e incita o leitor ao “ultrapassamento” — este gesto concessivo de “recrudescer o recrudescimento”, de “ir além” daquilo que poderia ser considerado uma suficiência realizada²⁵.

Mas o leitor é um actante do ritmo de leitura previsto pela obra, e ritmo demanda iteratividade. Zilberberg, inquieto por entender como se vai da repetição ao ritmo, chega a interrogar a oposição “*Ritmo vs. Sucessão*”²⁶. Cita então Valéry, para quem, na ligação entre os termos reunidos em sucessão rítmica, tudo se passa como se o antecedente e o subsequente fossem simultâneos, embora apareçam tão somente em sucessão²⁷. No ritmo criado pela obra zilberberguiana, o coenunciador, aliado ao perfil do “jogador”, se num instante se constitui mediante um gesto de “ultrapassamento” concessivo, aos poucos evolui para o âmbito da reflexão : essa reflexão pausada, em que a lógica implicativa é dominante : “Há pergunta, logo há resposta” ; ou : “Ao ‘aberto’ cumpre ser ‘fechado’”.

Na implicação é privilegiada a extensidade do pensamento científico. Mostra-se aí às claras a arquitetura conceitual da semiótica tensiva. Entretanto, na medida em que as coisas se esclarecem uma a uma, e o tom asséptico de subjetividade, previsto pelo discurso científico, passa a impor-se, é dada ao leitor a sensação de ser um “turista em Paris” : mas um turista, “habitante da província”. Em “meio à multidão”, o leitor passa a sentir o que é “não ser coisa alguma” (*n’être rien*)²⁸. Ainda bem que, sob o ritmo fórico, transitamos sem atropelo de um lugar a outro.

Quando devolvidos ao que irrompe como pergunta inesperada, sentimo-nos restituídos à “província” (ou à identificação com o “estilo concessivo” de Zilberberg). Voltamos a sentir o que é “ser alguma coisa” (*être quelque chose*)²⁹. Zilberberg põe em prática o pensamento que ele mesmo enfatiza ao citar Valéry : “A peculiaridade do mundo intelectual é ser sempre atropelado pelo mundo sensível”³⁰.

“Sentir é estar distraído”, diz Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa³¹. “O sensível, conforme a morfologia e a sintaxe que lhe são inerentes, é, talvez, apenas esta acentuação, este *desequilíbrio* criador, este controle, ora despótico, ora liberal, que ele exerce sobre o inteligível” — diz

23 “La vie n’a qu’un charme vrai ; c’est le charme du Jeu”. *La structure tensiva, op.cit.*, p. 27.

24 Cf. *Elementos de semiótica tensiva, op.cit.*, verbete “Acontecimento”, p. 236.

25 *Ibid.*, verbete “Recursividade”, p. 273.

26 Cf. *Information Rythmique*, verbete “Rythme vs Succession ?”, *op.cit.*, p. 60-61.

27 São estas as palavras de Valéry, citadas por Zilberberg e por ora adaptadas : “Dans le rythme, le successif a quelques propriétés du simultané. (...) Il y a entre antécédents et suivant des liaisons comme si tous les termes étaient simultanés et actuels, mais n’apparaissaient que successivement.” *Ibid.*

28 Cf. *La structure tensiva, op.cit.*, pp. 28-29.

29 *Ibid.*

30 “Le propre du monde intellectuel est d’être toujours bousculé par le monde sensible”. *Ibid.*, p. 21.

31 F. Pessoa, “Poemas Completos de Alberto Caeiro”, *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Companhia Aguilar Editora, 1965, p. 236.

Claude Zilberberg³². É preciso afastar-se ou distrair-se um pouco do apelo do “universo doxal”, que ampara as predicacões, para, mais que entender, viver como experiência o impacto “de *l'inégalité créatrice*” constituinte do cerne da obra de Zilberberg.

Com o desafio e a provocação nele implícita, compõe-se o convite para que olhemos para a *borboleta*, “coisa do mundo”, não como restrita a uma avaliação predicativa ; não como circunscrita à “alternância”, ao “*ou... ou*” próprio à definição semântica³³. Salta daí a possibilidade de passarmos a enxergar o que disse Alberto Caeiro : “No movimento da borboleta o movimento é que se move”. “A borboleta é apenas borboleta” — prossegue o poeta³⁴.

3. Nota final

Beneficiados pela presença desse teórico em nossas vidas, lamentamos a perda trazida por sua morte. Acontece, porém, que aprendemos com ele mesmo algo importante sobre a *parada*. Ao tratar a descontinuidade e a continuidade como “produto de dois processos solidários”, Zilberberg afirma : “a descontinuidade é o que para ou se interrompe, a *stase*, e modaliza o ser como *ek-stase*, descontração, como aquilo que continua”³⁵.

Riferimenti bibliografici

Greimas, Algirdas J., “L’actualité du saussurisme”, in *id.*, *La mode en 1830*, Paris, Presses Universitaires de France, 2000.

— *Sobre o sentido II : ensaios semióticos* (1980), trad. Dilson Ferreira da Cruz, São Paulo, Nankin-Edusp, 2014.

— e Jacques Fontanille, “Avant-propos”, in J. Fontanille (éd.), *Le discours aspectualisé*, Actes du colloque “Linguistique et Sémiotique I” (1989), Pulim/ Benjamins, Limoges/ Amsterdam, 1991.

— e Joseph Courtés, *Dicionário de Semiótica* (1979), trad. Alceu Dias Lima et al., São Paulo, Contexto, 2008.

Saussure, Ferdinand de, *Curso de Linguística Geral*, trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, 2^a ed., São Paulo, Cultrix, 1970.

Tatit, Luiz, “Claude Zilberberg e a prosodição da semiótica”, in C.M. Mendes e G.M.P. Lara (orgs.), *Em torno do acontecimento : uma homenagem a Claude Zilberberg*, Curitiba, Appris, 2016.

Pessoa, Fernando, “Poemas Completos de Alberto Caeiro”, *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Companhia Aguilar Editora, 1965, pp. 195-220.

Zilberberg, Claude, *Information Rythmique*, Paris, Phoriques, 1985.

— *Razão e poética do sentido* (1988), trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

— *Elementos de semiótica tensiva* (2006), trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas, São Paulo, Ateliê Editorial, 2011.

— *La structure tensive*, Liège, Presses Universitaires de Liège, 2012.

32 “Le sensible, selon la morphologie et la syntaxe qui lui sont propres, n’est peut-être seulement que cette accentuation, cette inégalité créatrice, ce contrôle tantôt despotique, tantôt libéral, qu’il exerce sur l’intelligible”. *La structure tensive*, *op. cit.*, p. 21.

33 Cf Zilberberg, *op. cit.*, p. 27.

34 “Poemas completos de Alberto Caeiro”, *op. cit.*, p. 224.

35 *Razão e poética do sentido*, *op.cit.*, p. 140.

Pour citer cet article : Norma Discini. «Claude Zilberberg : o semioticista e o esteta», Actes Sémiotiques **[En ligne]**. 2019, n° 122. Disponible sur : <<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6335>> Document créé le 30/01/2019

ISSN : 2270-4957